



<https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.v11.959>

Cosmologia e ética: a crítica cosmológico-ética de Giordano Bruno aos conquistadores da América no *De Immenso* 1591)

Cosmology and ethics: Giordano Bruno's cosmological-ethical critique of the conquerors of America in De Immenso (1591)

Pedro Rosa Paiva¹

Resumo

O presente artigo tem como ponto de partida a investigação de como um sistema cosmológico específico pode determinar um sistema ético e moral específico. Demonstraremos isso através de uma análise da crítica do filósofo italiano Giordano Bruno (1548-1600) ao descobrimento da América em seu livro *De Triplice Immenso et Mensura* (1591). Bruno insere o problema da descoberta da América como uma descoberta semelhante aos novos feitos celestes de sua época, nos quais a visão apocalíptica da América poderia ser julgada como resultado de uma falsa cosmologia e antropologia, uma errônea concepção das relações humanas com a divindade.

Na primeira parte apresentaremos o efeito nefasto decorrente de um princípio errado, ou seja, a conquista da América sob dois pontos centrais. Primeiro, como Cristovão Colombo inseriu a descoberta da América no esquema apocalíptico do final dos tempos. Segundo, apresentaremos de maneira abreviada, apenas para contextualizar o subsequentes comentários de Bruno, alguns pontos que foram o cerne do debate na Europa do século XVI sobre se os povos indígenas deviam ou não serem escravizados e convertidos ao cristianismo através de relatos da disputa de Valladolid. Numa segunda parte, apresentamos o princípio de tal efeito nefasto segundo Bruno, ou seja, a cosmologia e filosofia natural de Aristóteles no *De Caelo*. A terceira parte, a qual daremos maior ênfase, expõe a crítica de Giordano Bruno no *De Immenso* (1592), obra cosmológica, onde o filósofo argumenta contra a cosmologia aristotélica. Nosso foco é em como Bruno constrói um argumento filosófico em que uma concepção cosmológica errada de um cosmos fechado, hierárquica, ordenada do mais denso ao imaterial, resulta num sistema ético violento e injusto, uma moral que idealiza um lugar literalmente mais “alto”, o céu dos deuses, e um lugar literalmente mais baixo, morada dos corpos perenes e dos seres pecadores, nossa morada.

Palavras-chave: Giordano Bruno. Aristóteles. América. cosmologia. ética.

¹ Mestrando em Filosofia – Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Unisinos.
Email: dompedro80@gmail.com

Abstract

The article has its point of departure in the investigation of how a specific cosmological system can determine a specific ethical and moral system. That will be shown through an analysis of the critique made by the Italian philosopher Giordano Bruno (1548-1600) about the discovery of the Americas in his book *De Triplice Immenso et Mensura* (1591). Bruno sees the discovery of the Americas as a discovery similar to that of the new celestial discoveries of his time, by which the apocalyptic vision of the Americas could be judged as a result of a false cosmology and anthropology, a wrong conception of the human relationship with the divinity.

In the first part we'll present the nefarious effect derived from a wrong principle, that is, the conquest of the Americas in two aspects. First, how Columbus understood the discovery of the Americas in the apocalyptic scheme of the biblical end of times. Secondly, we'll present some aspects from the debate held in Europe in the 16th century in Valladolid questioning if the indigenous people should or shouldn't be enslaved and converted to Christianity.

On the second part, we'll present the principle of such nefarious effect for Bruno, that is, the natural philosophy and the cosmology of Aristotle in his book *De Caelo*. The third and final part, exposes the critique by Giordano Bruno in *De Immenso* (1592), a cosmological work, where the philosopher argues against the Aristotelian cosmology. We'll focus in how Bruno builds a philosophical argument in which a wrong cosmological conception of a closed cosmos, hierarchic, ordered from the most dense to the immaterial, results in a violent and unjust ethical system, a moral that idealizes a place literally higher, the celestial abode of the gods, and a place literally lower, the abode of the perennial bodies, abode of the sinners, our abode.

Keywords: Giordano Bruno. Aristotle. Discovery of the Americas. cosmology. ethics.

Um viajante vem caminhando por uma longa estrada escura, é uma noite fria e a neblina é intensa. Uma bengala previne o andarilho do caminho escorregadio, é seu instrumento lógico para discernir o percurso. O óculos propicia uma visão mais nítida, é instrumento da experiência. O lampião em mãos, ilumina o caminho e evita quaisquer obstáculos. Ele segue passos, vestígios e marcas deixadas na estrada até que de repente encontra-se em um bívio.² O caminho, até então único, bifurca-se e ele tem que tomar uma decisão de por onde seguir. Os rastros estão apagados e em sua frente a famosa letra de Pitágoras (Y)³, o enigma da via bipartida. O viajante

² Esta fábula é uma livre adaptação do autor ao Emblema 42 do *Atalanta Fugiens* (1612) de Michael Maier. O tema do bívio aparece já no *De Umbris Idearum* (1582), primeira publicação do autor que chegou aos nossos dias. Aparece também na última publicação do filósofo em vida e base desse artigo, o *De Immenso* II.1.

³ Sobre a letra de Pitágoras na obra de Giordano Bruno ver Paiva, Pedro Rosa, *O Rosto de Diana e a Letra de Pitágoras no De Umbris Idearum de Giordano Bruno*, Educs – Caxias do Sul, em fase editorial.

precisa decidir qual caminho seguir, seu argumento de escolha o levará a um destino específico, de um único caminho, infinitas possibilidades se abrem.

Um pequeno erro no começo, torna-se um grande erro ao final⁴. Assim, Tomás de Aquino adverte o seu leitor no prólogo do *De Ente et Essentia*⁵, fazendo referencia a ideia já expressa pelo Filósofo com F maiúsculo, Aristóteles, no *De Caelo*. Tomás começa assim no prólogo, pois, não quer que seu leitor percorra o caminho da leitura com dúvidas sobre os termos que ele irá expor no tratado, a diferença entre “ente” e “essência” e como se relacionam no percurso. Não entendendo essas diferenças no começo, qualquer parte leitura aleatoria será mal compreendida, qualquer possível conclusão será incorreta.

Porém, é o contexto no qual Aristóteles insere tal questão que interessa ao nosso tema, a saber, como um sistema cosmológico específico determina um sistema ético e moral específico. O questionamento de Aristóteles é o seguinte: “existe um corpo infinito, como a maioria dos antigos pensavam, ou é isso impossível?”⁶.

Analisando os efeitos presentes (a crise moral europeia do século XVI, para Giordano Bruno), podemos regredir até um princípio, nesse caso, regredir até um princípio errado, na visão do filósofo italiano, que originou uma sequência de efeitos nefastos na história da humanidade.

A cosmologia bruniana não é a mesma cosmologia de Copérnico, nem mesmo derivada das observações de Tycho Brahe, Galileu Galilei e Johannes Kepler. Esses eram matemáticos e davam início a uma observação através de lunetas e instrumentos que seriam o berço da ciência astronômica moderna. A cosmologia de Bruno, apesar de basear-se fortemente em estudos matemáticos da sua época, era uma cosmologia filosófica. A redescoberta da verdade não era um sol teórico, mais sim filosófico, um sol moral. Uma nova possibilidade de reimaginar o lugar do homem no universo e sua relação com Deus, pelo caráter “ eminentemente civil”, em união com outros homens em “comunidade”⁷. A relação dessa cosmologia com a descoberta do Novo Mundo, consitui um tema central para a reflexão antropológica

⁴ BRUNO, Giordano, *De Immenso* II.1. A tradução para o português é do autor.

⁵ AQUINO, Tomás de, *De ente et essentia*. In: Sancti Thomae de Aquino Opera Omnia iussu Leonis XIII edita [= Leonina]. Tomus XLIII, Cura et Studio Fratrum Praedicatorum. Roma: Santa Sabina, 1976, p. 369-381. Tradução: Carlos Eduardo de Oliveira

⁶ ARISTÓTELES, *De Caelo* I.5, 271b, 2-4.

⁷ RICCI, Saverio, *Infiniti mondi e Mondo Nuovo*, p. 210. A tradução para o português é do autor.

e ética de Bruno⁸.

O artigo divide-se em três partes:

(1) Na primeira parte apresenta o efeito nefasto decorrente de um princípio errado, ou seja, a conquista da América sob dois pontos centrais. Primeiro, a intenção religiosa e as fontes apocalípticas que guiaram Colombo à explorar as Índias ocidentais. Segundo, alguns pontos que foram o cerne do debate na Europa do século XVI sobre se os povos indígenas deviam ou não serem escravizados e convertidos ao cristianismo. Os relatos provêm da disputa de Valladolid entre os espanhóis Bartolomeu de las Casas e Ginés de Sepulveda.

(2) Numa segunda parte, apresenta o princípio de tal efeito nefasto, ou seja, a cosmologia e filosofia natural de Aristóteles no *De Caelo* sob dois pontos. Primeiro, de que os corpos simples se movimentam com movimento retilíneo, onde os corpos leves (ar e fogo) tendem para cima, os corpos pesados (água e terra) tendem para baixo, ou seja, para o centro. Segundo, os corpos de movimento circular, ou seja, os planetas, por não demonstrarem alteração, não tendem para cima nem para baixo, pois é no movimento dos contrários que os corpos se formam ou se deterioram, portanto, devem ser de uma substância não material. Essa morada imaterial, a região do éter, deve ser a morada do divino. Mais tarde, essa cosmologia seria adotada pela igreja como base cosmo-teológica para a doutrina que iria devastar a América, o cristianismo.

(3) A terceira parte, a qual daremos maior ênfase, expõe a crítica de Giordano Bruno no *De Immenso* (1592), obra cosmológica, onde o filósofo argumenta contra a cosmologia aristotélica. Nesta sessão faremos uma breve exposição da cosmologia de Bruno, onde o universo é infinito, sem centro e homogêneo, ou seja, todo ele constituído da mesma matéria. Nosso foco é em como ele constrói um argumento filosófico em que uma concepção cosmológica errada de um cosmos fechado, ordenado do mais denso ao imaterial, resulta num sistema ético violento e injusto, uma moral que idealiza um lugar literalmente mais “alto”, o céu dos deuses, e um lugar literalmente mais baixo, morada dos corpos perenes e dos seres pecadores, nossa morada.

⁸ BOMBASSARO, Luiz Carlos, *Giordano Bruno e o Novo Mundo*, p. 49

O efeito nefasto de um princípio errado: A descoberta da América

Em 1492, o navegador italiano Cristovão Colombo (1451-1506) deu início a primeira das quatro viagens que faria em direção a América.

Nossa breve exposição de algumas ideias centrais de Colombo sobre o descobrimento visam enfatizar o aspecto filosófico-teológico por trás das expedições e não outros aspectos. Seguindo a ideia central do artigo, de que um princípio filosófico norteador de qualquer busca funciona como um pano de fundo de fantasia que tem um impacto sobre os fatos e descobertas, demonstraremos quais são algumas dessas ideias-princípios que nortearam as descobertas e posteriormente o massacre e a evangelização dos povos aborígenes.

Colombo inseriu a descoberta da América no esquema apocalíptico do final dos tempos, pois, creditava que as terras descobertas podiam ser identificadas com os lugares bíblicos como Tarsis, Ofir e as ilhas do mar: “na carta aos reis de 1501, coligida no *Livro das Profecias*⁹, Colombo dizia que para a execução da impresa das Índias não aproveitara nem razão matemáticas e nem mapamundis, plenamente se cumpriu o que disse Isaías”¹⁰

Desta maneira, Colombo conectava o descobrimento da América com a evangelização dos aborígenes, tendo como vaticínio diversos trechos bíblicos: “Este Evangelho do Reino será proclamado no mundo inteiro, como testamento para todas as nações. E então virá o fim”.¹¹

Muitos europeus tiveram contato com tais ações violentas pela parte dos espanhóis através da obra de Bartolomeu de Las Casas chamada *Brevíssima relação da Destruição das Índias Ocidentais* (1552). Uma tradução francesa foi publicada em 1579 e re-editada em 1582, período que Giordano Bruno residiu na França e provavelmente teve contato com tais relatos¹². Além disso, Bruno conviveu com

⁹ COLÓN, Cristóbal, *Textos y documentos completos: relaciones de viajes, cartas y memoriales*. Alianza Editorial, Madrid, 1997.

¹⁰ GRANADA, Miguel Angel, *Giordano Bruno y américa* p. 236.

¹¹ BÍBLIA DE JERUSALÉM, Mateus, 24,14, p. 1747

¹² A professora Ingrid Rowland, Universidade de Notre Dame, especula que Bruno teve contato com os relatos de Las Casa provavelmente ainda no convento da ordem dominicana de San Domenico Maggiore em Nápoles, onde Bruno estudou. Bartolomeu de Las Casas também era um dominicano. ROWLAND, Ingrid, *Giordano Bruno: philosopher/heretic*, University of Chicago Press, Chicago, 2009, p. 153.

Alberico Gentili¹³, autor da obra *De iure belli* (1588)¹⁴, que tratava das questões jurídicas suscitadas ao longo do século XVI como a guerra justa e a escravidão. Gentili era discípulo de Francisco de Vitoria – nome importante na fundação do direito das gentes e da declaração de um direito natural válido para todos os homens – e foi responsável pelo posto de professor de Bruno em Wittenberg, onde lecionou o *Organon* aristotélico.

Antes do encontro de Bruno com Gentili, nos anos de 1550 e 1551, aconteceram em Valladolid, Espanha, os primeiros debates europeus sobre a licitude da conquista da América. Os principais temas abordados foram a escravidão dos aborígenes e a guerra justa.

De um lado estava Juan Ginés de Sepúlveda, filósofo, teólogo e tradutor de Aristóteles, “partidário do emprego da força como instrumento prévio para vencer as dificuldades que se opunham a pregação do Cristianismo nos povos descobertos”.¹⁵Do outro lado, Bartolomeu de Las Casas, bispo de Chiapas, que teve um papel fundamental na defesa da dignidade dos ameríndios. Las Casas opunha-se a todo tipo de violência para atrair os índios a religião cristã. No entanto, ambos eram partidários da obrigatoriedade da pregação do cristianismo no Novo Mundo e apesar de vasta erudição e diversidade de fontes filosóficas (Aristóteles, Cícero, Agostinho), todos argumentos jurídicos da época tinham a Bíblia como fonte de autoridade, diferente da crítica de Bruno, a qual veremos mais à frente, que via na pregação do cristianismo aos ameríndios já um fator de violência.

A disputa de Valladolid não é o tema central do nosso artigo, mas sim um contraponto para abordarmos a crítica de Bruno aos conquistadores. Por este motivo optamos por resumir os argumentos debatidos por Sepúlveda e Las Casas em quatro tópicos: (1) Os índios se encontram em um estado tal de barbárie que se impõe domina-los pela força para libera-los de tal estado. (2) A guerra contra os Índios se justifica como castigo ao crime que eles cometem contra a lei natural com sua idolatria e imolação aos deuses de vítimas humanas. (3) A guerra contra os Índios se justifica porque estes oprimem injuriosamente pessoas inocentes e assim matam para imolar-las a seus deuses ou comer a carne de seus cadáveres. (4) Deve-

¹³ RICCI, Saverio, *Infiniti mondi e Mondo Nuovo*, p. 212

¹⁴ TRAVERSINO, Massimiliano, Bruno e Il “Nuovo Mondo”: La Condizione Degli Indigeni e Il “Dibattito” con Il Gentili P. 247. A tradução para o português é do autor.

¹⁵ CULLETON, Alfredo, *Tolerancia en la Segunda Escolástica, el caso de Bartolomé Las Casas*. p. 4.

se fazer guerra contra os infiéis para preparar assim o caminho a propagação da religião cristã e facilitar a tarefa dos pregadores.¹⁶

O “outro” descoberto no Novo Mundo¹⁷, agredido, escravizado e violentado, era percebido como inferior, sua escravidão legitimada filosoficamente. O aborígine caído precisava tomar o caminho em direção ao altíssimo.

O princípio errado de um efeito nefasto: a cosmologia e filosofia natural de Aristóteles

A questão se existe ou não um corpo infinito é a questão norteadora de Aristóteles para a construção de sua cosmologia no *De Caelo*. Segundo o filósofo, como já mencionamos na introdução, “o menor desvio da verdade é multiplicado mais tarde em milhares de vezes”¹⁸

Todo corpo natural, para Aristóteles, tem na capacidade de locomoção o princípio do movimento, toda movimento acontece em algum lugar, é retilíneo ou circular, ou uma combinação de ambos¹⁹. O movimento para cima é o movimento que distancia-se do centro, o movimento para baixo é o movimento em direção ao centro.

Os corpos leves, ar e fogo, movem-se para cima. Os corpos pesados movem-se para baixo, ou para o centro, como a terra e a água. O corpo que move-se em círculo não pode possuir peso e nem leveza, pois as coisas são leves e pesadas apenas em relação umas com as outras.²⁰ É razoável admitir que tal corpo que move-se circularmente não tenha um contrário, pois o movimento retilíneo não é o contrário do circular. Se esse “corpo não tem um contrário, porque não pode haver movimento contrário ao circular, a natureza parece ter isento de contrários o corpo que era para ser não gerado e indestrutível”.²¹

Fazendo referencia aos antigos, Aristóteles afirma que não parecem haver mudanças no grande esquema dos céus. Por isso, o primeiro corpo é algo além dos quatro elementos, terra, fogo, ar e água, “eles deram ao lugar mais alto um nome

¹⁶ Os quarto itens, uma extensa argumentação dos mesmos e as referências as atas originais do debate de Valladolid encontram-se em Culleton, Alfredo, *Tolerancia en la Segunda Escolástica*, p.6-9.

¹⁷ RICCI, Saverio, *Infiniti mondi e Mondo Nuovo* p. 215.

¹⁸ ARISTÓTELES, *De Caelo* I. 1.

¹⁹ Ibid. I.2.

²⁰ Ibid. I.3.

²¹ Ibid. I.3.

próprio, éter”²², devido ao fato de sua constância na eternidade do tempo, é a morada dos deuses.

Bruno pretende mostrar a falsidade de tal visão, a falsidade de um universo finito e heterogêneo em sua estrutura interna, hierarquizado em uma escala literal onde no alto está Deus e no lugar de máxima imperfeição, o centro, encontram-se encarcerados os homens.²³

A crítica cosmológico-éticas de Giordano Bruno aos conquistadores da América no *De Immenso* (1592)

Giordano Bruno (1548-1600), filósofo, teólogo e escritor italiano, nascido em Nola, sul da Itália, criticou severamente as instituições do seu tempo, o pedantismo acadêmico que tinha a filosofia de Aristóteles como base e autoridade, uma filosofia deduzida “de um falso princípio, como se estivéssemos presos em um fictício cárcere”.²⁴ Bruno pensava com um rigor e uma coragem à frente do seu tempo, queria destruir o “Olímpo que acumula em uma única prisão o que na verdade se expande livremente pelos ares”.²⁵

Na opinião do Nolano, a união da filosofia de Aristóteles com a teologia cristã era o motivo da crise moral em que vivia a Europa do século XVI. A cosmovisão e o heliocentrismo de Copérnico eram a aurora de uma nova visão do mundo, mas ainda insuficiente. Bruno insere o problema da descoberta da América como uma descoberta semelhante aos novos feitos celestes, nos quais a visão apocalíptica da América pode ser julgada:

resultado de uma falsa cosmologia e antropologia, de uma errônea concepção das relações humanas com a divindade, e que a novidade americana pelo contrário permita – assim como as novas e os cometas – refutar o ideário e a sua concepção do lugar do homem na natureza e sua relação com a divindade (GRANADA, 1990, p. 236).

As críticas a Colombo, assim como aos espanhóis, portugueses e ingleses aparecem nos diálogos italianos publicados em Londres entre 1583 e 1585²⁶. Nosso

²² Ibid. I.3.

²³ GRANADA, Miguel Angel, *Giordano Bruno y américa*, p. 225.

²⁴ BRUNO, Giordano, *De Immenso*, p. 329.

²⁵ Ibid. p. 329.

²⁶ “Os Tifis encontraram a maneira de perturbar a paz alheia, de violar os gênios ancestrais dos povos, de confundir o que a providente natureza separou, de duplicar os males do mundo com os efeitos do comércio, de acrescentar a uma geração os vícios da outra, de propagar com violência

foco no presente trabalho é elencar os argumentos de Aristóteles²⁷ contra a infinidade de mundos, como expostos no livro VII do *De Immenso* e mostrar como Bruno constrói sua crítica a essa cosmovisão e assim revê o posicionamento ético do homem perante a nova visão do cosmos.

O *De Immenso (De Immenso et Innumerabilibus, seu de universo et Mundis)* é o terceiro livro de uma trilogia publicada em Frankfurt no ano de 1591, logo antes do fatídico retorno de Bruno à Itália e sua captura pela inquisição veneziana. É um livro escrito em latim que aborda a filosofia cosmológica de Bruno em sua exposição mais rigorosa e atual sobre o tema²⁸. Os outros dois livros da trilogia são o *De triplice minimo et mensura* (livro que trata dos primeiros elementos)²⁹ e o *De Monade Numero et Figura* (livro que trata dos fundamentos da imaginação, da opinião e da experiência)³⁰.

A cosmologia bruniana pode ser resumida da seguinte maneira: o universo é infinito e homeogêneo com uma infinidade de sistemas planetários girando ao redor de suas estrelas-sóis; esse universo uno é todo ele vivo, há uma uniformização cosmológica e ontológica com o conseguinte abandono de toda noção de hierarquia; homogeneidade espacial e temporal, excluindo assim todos os domínios espaciais e escatológicos como inferno e céu, ou além mundos; identidade ontológica de Deus com o universo, concebido como a necessária explicação eterna da infinita potência divina; unidade da substância e das metamorfoses incessantes das contrações da matéria, ou seja, os indivíduos finitos; geração natural e plural do homem a partir da fecundidade das Terras planetárias; e por fim, encontro e acesso a divindade na natureza infinita e mediadora.³¹

novas loucuras e plantar desordens insanas onde não as havia, para finalmente, concluir que é mais sábio quem é mais forte, mostrando novas formas, instrumentos e métodos de tyrannizar e assassinar uns aos outros. Graças a tais gestos, virá um tempo em que, tendo esses homens aprendido a seu próprio custo, por força da vicissitude das coisas, saberão e poderão tornar semelhantes a até piores os frutos de tão preciosas invenções.” em *A Ceia de Cinzas*, p. 28-29. A referência aos tífis, timoneiros dos Argonautas, é uma maneira poética de Bruno chamar os conquistadores de invasores.

²⁷ Muitos dos argumentos elencados por Bruno aparecem de fato na obra do estagirita, como será apontado nas notas. Vários argumentos, porém, não são facilmente rastreados na obra de Aristóteles, mas, corroboram com a filosofia peripatética, dos quais Bruno destaca os seguintes nomes: Simplicio, Gilberto de la Porrée, Avempace, Averróis, Temístio e Tomás de Aquino. Ver *De Immenso I.6*

²⁸ Temas semelhantes e uma exposição prévia do sistema infinitista apareciam no diálogo italiano *Dell' Infinito, universo et mondi*, publicado em Londres no ano de 1584.

²⁹ BRUNO, Giordano, *De Immenso*, p.154.

³⁰ BRUNO, Giordano, *De Immenso*, p. 154.

³¹ GRANADA, Miguel Angel, *Giordano Bruno y américa*, p. 227.

A temática da conquista da América é abordada de maneira sutil já no segundo capítulo do primeiro livro do *De Immenso*: “A sabedoria e a justiça começaram a abandonar a Terra quando os doutos, organizados em seitas, começaram a usar a sua doutrina para obter lucro”.³²No sétimo livro, porém, a conexão entre as navegações e a filosofia aristotélica como aquela que baixou as velas no porto mais próximo, como se fosse o melhor e ali jogou sua ancora, firme nas trevas³³, serve de prólogo para a exposição por vir.

Seguem de maneira resumida e sintética, por causa da brevidade do artigo, uma seleção de dez itens em forma de argumento de Aristóteles e contra argumento de Bruno³⁴:

1. Primeiro argumento de Aristóteles contra a pluralidade dos mundos³⁵: o céu se encontra onde termina o horizonte do mundo, onde tudo que se move é privado de movimento, onde a matéria não se modifica. Ali está o Fato, todas as coisas constantes, as almas serenas e a tranquila morada dos deuses. O corpo mais tênue atua de maneira mais sublime, é o que mais se distancia da nossa sede. O corpo vulgar, denso e mutável, tem um destino menos feliz. O corpo divino é forma, ato, perfeição, possui a condição do limite e do eficiente; o ser conformado é comprimido, é submetido a vicissitude da matéria, daquele que é passivo e inadequado.³⁶

1.1 Contra o primeiro argumento de Aristóteles: É preciso frustrar a fé naquele corpo divino, dissolver a morada dos deuses e a roca imperiosa do destino. Nós reconhecemos um único e imenso espaço pelo qual não é destinada a Terra um espaço central mais do que é destinado à outros mundos.³⁷

2. Terceiro argumento de Aristóteles – sobre a distinção entre o cheio e o vazio³⁸: Além desta Terra não existe nenhum lugar, nem cheio, nem vazio, nem o tempo, pois lá não há movimento. Aqui está tudo quanto é móvel, aqui estão todos os lugares, todo o movimento e mensura do movimento.³⁹

³² BRUNO, Giordano, *De Immenso*, p. 333.

³³ Ibid., p. 577.

³⁴ Os dezesseis argumentos estão expostos no livro VII do *De Immenso*. A maioria dos argumentos de Aristóteles representam de maneira fiel o pensamento do Estagirita, porém, são redigidos por Bruno, que lia-os em tradução do grego para o latim. As referências aos argumentos estão nas notas, tanto a referência de onde aparecem em Bruno, como a referência da fonte em Aristóteles.

³⁵ ARISTÓTELES, *De Caelo* I.9.

³⁶ BRUNO, Giordano, *De Immenso* VII.3 p. 577-578.

³⁷ Ibid., VII.7, p. 582.

³⁸ ARISTÓTELES, *De Caelo* I.9, 279a, 11-18.

³⁹ BRUNO, Giordano, *De Immenso* VII.4 p. 578.

2.1. Contra o terceiro argumento de Aristóteles: Bruno, ao contrário, identifica o lugar com o próprio espaço e que fora deste mundo há um espaço como esse que contém esse mundo.

A matéria, a forma e todas as coisas que vemos são concebidas do mesmo gênero e espécie. “O lugar requer o corpo locado. Onde estão os corpos locados também está o tempo”.⁴⁰ Bruno ainda defende que não existe um homem separado de todos os homens e da norma de todas as coisas particulares.

3. Quarto argumento de Aristóteles – sobre o princípio do primeiro e único motor⁴¹: Um é o primeiro motor, uma a sucessão das coisas, em uma única ordem, um é o moderador de todos os corpos.⁴²

3.1 Contra o quarto argumento de Aristóteles: “existe um infinito simples, imóvel e único, do qual derivam as coisas que existem, a vida dos seres vivos, o animo das almas, o motor dos motores, a essência do ser; o ser é absoluto, presente por fora de todas as coisas e ao interno de todas as coisas”.⁴³ Para Bruno não existe um primeiro motor, pois não existe hierarquia no cosmos. O que existe é um motor independente de qualquer sucessão, pois no inumerável não pode haver ordem ou proporção. Portanto, vã são as órbitas celestes, vã é o primeiro motor sob a “imagem do divino, a qual existência não acreditamos mais do que se acredita no Orco, no reino de Radamanto, na Górgona, no Centauro, na Cila, no Gerião e na Quimera, invenções dos vates”.⁴⁴

4. Quinto argumento de Aristóteles – sobre a modalidade do lugar⁴⁵: O lugar mais baixo recebe em si todos os corpos graves, já o lugar mais alto, ocupando o lugar mais longínquo do centro, acolhe os corpos que se alçam para além da sua região. Cada espécie tem um lugar determinado.⁴⁶

4.1 Contra o quinto argumento de Aristóteles: Não há um único centro o qual todas as partes do universo tendem. Não há nem centro e nem circunferência. Não há alto e baixo, pois, aqueles corpos que se distanciam deste centro à um outro, para nós parecem subir e para outros parecem descer.⁴⁷ A descoberta da infinidade do universo e dos mundos, a consequente constatação da

⁴⁰ Ibid., p. 583.

⁴¹ ARISTÓTELES, *De Caelo* III.2, 300b, 32 segg.

⁴² BRUNO, Giordano, *De Immenso* Cap IV p. 579.

⁴³ Ibid. p. 585.

⁴⁴ Ibid. p. 58.

⁴⁵ Aristóteles, *De Caelo* I.1 e I.3.

⁴⁶ BRUNO, Giordano, *De Immenso* Cap IV.

⁴⁷ Ibid. Cap VII – p. 586.

inexistência de um centro absoluto do universo, de um absoluto “alto” e um absoluto “baixo”, exalta o homem⁴⁸ ao invés de rebaixa-lo. A moralidade deve ser construída entre os homens e não hierarquizada através de lugares escatológicos fictícios.

5. Sexto argumento de Aristóteles – sobre a impossibilidade da existência de mais centros⁴⁹: Um centro se distanciará de outro centro mais do que o grande horizonte está distante do centro.⁵⁰

5.1. Contra o sexto argumento de Aristóteles: Se os corpos frios fossem os mais distantes daqueles quentes, os úmidos dos secos, não poderia existir elementos comuns. Todas as coisas procedem segundo a ordem de cada coisa, influenciam umas as outras, mas aquelas mais longínquas não influenciam em nada. Ainda, “todas as coisas estão em todas as coisas e é muito improvável que os contrários distingam-se ao máximo”⁵¹ os contrários cooperam, concordam e em nenhum lugar um contrário pode estar sem o outro.

A ordem do mundo é mera fantasia do Estagirita, aquela série de céus que contém uns aos outros até aquele extremo céu limite. Aludindo preliminarmente a descoberta da América, Bruno crítica o efeito de tais ideias: “é digno contrapor ficção com ficção, de onde surgem guias obscuros e carnífaces do povo, de modo que uma morte imortal oprima os vivos e que esses acolham, sob a forma de luz, as moléstias das trevas. A fantasia produziu isso ao escopo do ávido lucro”.⁵²

6. Nono argumento de Aristóteles⁵³: Quantos são os mundos? Porque os vários mundos não são condensados em um único corpo? Ou como Bruno reconstrói o argumento aristotélico em suas palavras, já articulando sua crítica: “Porque os homens não são um só homem?”⁵⁴

6.1. Contra o nono argumento: Porque de tantas árvores não é formada apenas uma árvore? E porque de toda matéria não é derivada uma única matéria que explique todos os atos? Para Bruno, porém, a “monade está acima de todo o número” (BRUNO, 2013, p. 592).

⁴⁸ RICCI, Saverio, *Infiniti mondi e Mondo Nuovo*, p. 214.

⁴⁹ Segundo Felice Tocco, esse argumento não se encontra explicitamente na obra de Aristóteles mas é consistente com algumas passagens como *De Caelo* I.8, 276b 23. Ver: TOCCO, Felice, *Le Opere Latine di Giordano Bruno esposte e confrontate con le italiane*. Firenze, 1889, p. 298, nota.

⁵⁰ BRUNO, Giordano, *De Immenso* Cap V – p. 579.

⁵¹ *Ibid.*, p. 588.

⁵² *Ibid.* p., 592.

⁵³ ARISTÓTELES, *De Caelo* I.8, 276b, 23.

⁵⁴ BRUNO, Giordano, *De Immenso*, p. 580.

7. Décimo segundo argumento dos teólogos⁵⁵: além da potência ativa, é necessária uma potencia passiva. A natureza não pode apresentar tudo quanto o eficiente repõe. Portanto, a potencia passiva, a matéria, não é igual a potencia ativa.⁵⁶

7.1. Contra o décimo segundo argumento dos teólogos: como pode o primeiro artífice produzir infinitos corpos, mas à ele é oferecido uma matéria finita? Essa ideia de que Deus opera com duas forças contrárias, potencia infinita e matéria finita produziu uma filosofia perversa sob o ilustre nome de teologia, a qual adicionam-se inúmeros volumes de obscuros gramáticos.⁵⁷

8. Décimo terceiro argumento de Aristóteles: não haveria, na pluralidade de mundos, alguma bondade civil. Não haveriam feito bem, os numes, creadores dos mundos, ao impedirem o relacionamento dos cidadãos.⁵⁸

8.1. Contra o décimo terceiro argumento de Aristóteles: é nesse ponto que a crítica direta aos conquistadores da América começa de maneira explícita: “Que razão, qual ordem da natureza confirmaram o resultado do antigo estudo pelo qual o navio tessalo conduziu a perturbação de homens distantes da própria pátria e ali os reconduziu, confundindo assim as leis de um mundo oportunamente dividido?”.⁵⁹

Os aváros Ligúrios, assim como os Etruscos abriram o mar para que os “violentos espanhóis tocassem a América”.⁶⁰

Por ter feito poucas críticas ao descobrimento, ainda que fortes, reproduzo a passagem inteira para que possamos concluir no final:

Experimente você também (se é possível mudar este estado de coisa) o quão vantajosa é a relação entre os homens e como velozmente se propagam entre vós as sementes mal compreendidas de quanto a vossa virtude se difunda de vós para influenciar sobre o espírito nobre de um outro povo. Os filhos da Terra se preocupam em abrir os claustros da natureza, de modo que vos ensine a pesquisar pátrias similares a nossa sob o dorso de Cíntia⁶¹ e que tenham coragem de empreender em novos esforços para construir um mundo melhor (BRUNO, 2013, p. 594).

⁵⁵ Os argumentos de Aristóteles nos itens 7,8 e 9 não aparecem de maneira explícita no texto do *estagirita* mas seguem os moldes da filosofia peripatética.

⁵⁶ BRUNO, Giordano, *De Immenso* Cap VI – p. 581

⁵⁷ *Ibid.*, VII.15 p. 593

⁵⁸ *Ibid.*, Cap VI – P. 581

⁵⁹ *Ibid.*, p. 594.

⁶⁰ *Ibid.*, p. 594.

⁶¹ Nome da deusa Ártemis grega ou Diana romana. Para Bruno: ““o mundo, o universo, a natureza que existe nas coisas, a luz que reside na opacidade da matéria”. Em *Gli Eroici Furori*, In: *Opere Italiane*. Utet, Roma, 2013, p. 694 [389].

A crítica estende-se a Aristóteles e aos persuasores Demóstenes e Cícero, pois Bruno entende que certas regiões do mundo não oferecem condições favoráveis à vida e são deixadas de fora do comércio, possuindo costumes diferentes, pois por natureza são circundados de montes e mares. A ligação entre comércio e religião em busca de lucro é explícita na passagem que segue:

De região em região os erros e venenos das leis e religiões perversas se propagam, tornando-se objeto de dissídio e causa de morte, difundidas, espalharam-se até sufocar todos os bons frutos: não há nada que se possa considerar vantajoso com estas coisas (BRUNO, 2013, p. 594-595).

Esse tipo de pensamento, para Bruno, é consequência do princípio peripatético, orientado para fins próprios, que por ignorância acusamos a natureza por haver separado de nós, com o éter, os mundos infinitos. Porém, como conclui Miguel Angel Granada, existe uma “lei universal e imanente à vida, que distribui providentemente os organismos (sistemas planetários; sóis e terras em cada sistema, continentes e gerações humanas à terras) à distâncias suficientes para que não se obstruam e seja possível a vida”.⁶²

9. Décimo quinto argumento de Aristóteles: como os outros mundos são gerados e como um pode converter-se em outros?⁶³

9.1 Contra o décimo quinto argumento de Aristóteles: Bruno responde a esse argumento com um argumento contrário ao monogenismo, ou seja, que toda a humanidade é gerada à partir de um casal primordial, ou seja, na cultura cristã, Adão e Eva. Para o nolano o “princípio eficiente é o pai, os elementos são as sementes, o céu é o espaço, o ventre da mãe de todas as coisas”.⁶⁴

Assim como no verão, quando caem gotas de chuva sob a Terra quente - infere Bruno - e de repente nascem rãs que se igualam ao número de gotas, como se ouvessem caído do céu. Da mesma maneira acontece no imenso espaço que tudo compreende, uma potência pela qual “os mundos se reproduzem pelo grande vazio, pois por toda parte está a vida e de toda parte se manifesta o ato da alma, aquilo que forma e aquilo que é formável si adequam ao objeto arquetipo” e assim é a origem da serpente, do urso, do homem⁶⁵.

⁶² GRANADA, Miguel Angel, *Giordano Bruno y américa* p. 256.

⁶³ BRUNO, Giordano, *De Immenso* Cap VI – p. 582.

⁶⁴ Ibid. p. 596.

⁶⁵ Ibid. P. 596.

Isso explica a multiplicidade dos homens: a cor negra dos Etíopes, a vermelha do Americanos, pois, tais homens “não apresentam origem iguais e não reconduzem-se a força geradora de um único progenitor de todos os homens”.⁶⁶

10. Décimo sexto argumento de Aristóteles⁶⁷: inutilmente se adiciona qualquer coisa àquilo que se considera perfeito⁶⁸.

10.1 Contra o décimo sexto argumento de Aristóteles:

Dando continuidade ao argumento à favor da poligenia, Bruno critica a posição bíblica, que espelha as intenções de Colombo: “fruto de profecia e tradição derivada que qualquer povo é a crença segundo a qual a estirpe de todos os homens referem-se a um único progenitor”, como ensinam os hebreus, “e somente o gênero eleito, ou seja, os judeus, referem-se à um único progenitor”. Porém, toda terra produz todos os tipos de animais, adequados ao seu clima e habitate, pois, “nunca existiram um primeiro lobo, um primeiro leão”⁶⁹ dos quais nasceram todos os outros. De qualquer parte da Terra originam-se todos os seres, as diferentes raças humanas, em última estância procedentes da “mãe terra”, todas autônomas, em seus continentes respectivos, com o mesmo valor ontológico, mesma dignidade.

A descoberta do Novo Mundo e das diversas formas de vida humana em nosso planeta, tornaram necessárias uma nova visão antropológica, uma nova visão cosmológica, cartográfica e mais necessária ainda, uma nova visão ética e política.

O “povo eleito” continuou a explorar os “filhos da terra” e por causa de sua idolatria e estirpe caída, castigaram-os com a escravidão.

Giordano Bruno foi o primeiro filósofo a criticar as navegações e a descoberta da América por um viés filosoficamente anti-cristão. Os argumentos de Vitoria e Las Casas, por exemplo, tinham um pano de fundo católico. Criticavam, justificavam e repensavam a escravidão e as expedições dentro do escopo cristão. No entanto, o destino de Bruno não seria diferente dos nativos americanos. Preso pela inquisição, ele era também o “outro”, o herege, dissidente da verdadeira fé. Torturado por oito anos, enfim teve seu auto de fé em Roma no dia 17 de fevereiro de 1600, sentenciado por heresia, foi privado de sua vida pelo mesmo princípio errado que devastou a América e queimou vivo em praça pública o grande filósofo da renascença, a cosmologia aristotélica e a religião católica.

⁶⁶ Ibid. p. 596.

⁶⁷ ARISTÓTELES, *De Caelo* I.1, 278a, 11.

⁶⁸ BRUNO, Giordano, *De Immenso* Cap VI – p. 581.

⁶⁹ Ibid., p. 597.

Referências

ARISTÓTELES, *De Caelo*, In: The Works of Aristotle Translated into English, De Caelo; De Generatione et Corruptione. By J.L. Stocks and H.H. Joachin. New York, Oxford University Press, 1922.

BOMBASSARO, Luiz Carlos, *Giordano Bruno e o Novo Mundo: Uma Consideração Ética Extemporânea?*, In: Alexandre Ragazzi, Patricia D. Meneses, Tamara Quírico. (Org.). Ensaio interdisciplinares sobre o Renascimento italiano. 1ed. São Paulo: Editora Unifesp, 2017, v., p. 49-62.

BÍBLIA DE JERUSALÉM, Paulus: São Paulo, 2002.

BRUNO, Giordano, *De Immenso*, in: Opere Latine, Ed. Carlo Monti, Utet, Roma, 2013.

CULLETON, Alfredo, *Tolerancia en la Segunda Escolástica, el caso de Bartolomé Las Casas*. Unisinos, São Leopoldo, 2011 (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).

GRANADA, Miguel Angel, *Giordano Bruno y américa. De la crítica de la colonización a la crítica del cristianismo*, Barcelona, 1990, (Geocrítica, 90).

RICCI, Saverio, *Infiniti mondi e Mondo Nuovo. Conquista dell`America e critica dela civiltà europea in Giordano Bruno*, in: Giornale critico dela filosofia italiana, 1990, p. 204-221.

TOCCO, Felice, *Le Opere Latine di Giordano Bruno esposte e confrontate com le italiane*. Firenze, 1889.

TRAVERSINO, Massimiliano, *Bruno e Il “Nuovo Mondo”: La Condizione Degli Indigeni e Il “Dibattito” con Il Gentili*. Leo S. Olschki Editore, Firenze, 2011.

*Recebido em: 17/07/2019.
Aprovado em: 28/08/2020.
Publicado em: 07/09/2020.*